

VELHOS DILEMAS, NOVAS REPRESENTAÇÕES: CONSIDERAÇÕES SOBRE O ENVELHECIMENTO FEMININO E SUA PRESENÇA NA LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

*Old Dilemmas, New Representations:
Considerations on Female Aging and Its Presence in Contemporary Brazilian Literature*

DOI: 10.14393/LL63-v41-2025-13

Cristiane da Silva Alves*

RESUMO: Este estudo tem como objetivo geral analisar as representações do envelhecimento feminino na literatura brasileira contemporânea, com foco em narrativas produzidas por mulheres. Busca-se compreender como o envelhecimento feminino é abordado nessas obras, destacando as mudanças e continuidades na percepção da velhice em comparação com produções literárias anteriores. Para tanto, propõem-se três objetivos específicos: 1) identificar os temas predominantes nas representações do envelhecimento feminino; 2) verificar as características das personagens maduras ou velhas, observando suas representações na literatura e suas dinâmicas de gênero; 3) examinar a relação dessas personagens com o envelhecimento e suas implicações. A metodologia adotada é qualitativa, com análise textual de obras literárias selecionadas, complementadas por textos teórico-críticos que auxiliam no entendimento do contexto histórico e sociocultural das narrativas. A pesquisa apoia-se nas referências de Simone de Beauvoir (1990/2016) e Judith Butler (2003), entre outras.

PALAVRAS-CHAVE: Velhice feminina. Literatura brasileira contemporânea. Gênero. Identidade. Autoria feminina.

ABSTRACT: The general objective of this study is to analyze the representations of female aging in contemporary Brazilian literature, focusing on narratives produced by women. The aim is to understand how female aging is addressed in these works, highlighting the changes and continuities in the perception of old age in comparison with previous literary productions. To this end, three specific objectives are proposed: 1) identify the predominant themes in the representations of female aging, 2) assess the characteristics of mature or old characters, observing their representations in literature and their gender dynamics, 3) examine the relationship of these characters with aging and their implications. The methodology is qualitative, with textual analysis of selected literary works, complemented by theoretical-critical texts that help understand the historical and sociocultural context of the narratives. The research is based on the references of Simone de Beauvoir (1990/2016) and Judith Butler (2003), among others.

KEYWORDS: Female old age. Contemporary Brazilian Literature. Gender. Identity. Female authorship.

* Doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Realizou estágio de Pós-Doutorado (PNPD-CAPES/MEC) junto ao Programa de Pós-graduação em Letras da UFRGS. É membro do Grupo de Pesquisa Poéticas e políticas da memória na literatura contemporânea (UFRGS/CNPq) e do Grupo de Pesquisa Língua, Literatura e Ensino (IFRS/CNPq). ORCID: 0000-0002-1375-1212. E-mail para contato: cristianesalves(AT)gmail.com.

1 Considerações iniciais

Dados obtidos a partir do Censo de 2022, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), demonstram que no Brasil já é bastante expressivo o número de pessoas velhas e, além disso, há um predomínio de mulheres no que tange ao envelhecimento populacional. Entre a população idosa verificada no período, apurou-se que 51,5% (104.548.325) eram mulheres e 48,5% (98.532.431) eram homens, o que equivale a uma diferença de aproximadamente 6,0 milhões, sinalizando a preponderância da velhice feminina.

Apesar disso, a velhice em nosso país ainda é marginalizada e, em especial no caso das mulheres, é vista como algo que deve ser evitado ou camuflado. Para elas, trata-se de uma fase da vida permeada por desigualdades de gênero e por pressão estética. Em uma cultura em que há intensa valorização ou idealização da juventude, como é o caso do Brasil, as mulheres idosas são comumente desprezadas, à medida que os corpos envelhecidos não correspondem aos padrões de beleza e frescor socialmente impostos.

De tal modo, ao pensar na questão do envelhecimento feminino, é forçoso considerar o contexto de estigmatização no qual a mulher envelhecida é constantemente tratada como irrelevante. Nesse aspecto, apesar de a literatura não ter a função ou o escopo de restaurar a sociedade, ela oferece elementos essenciais para tornar a realidade visível e mais compreensível, ao expressar, interpretar e (re)significar diversos grupos, eventos, experiências e sentimentos. Partindo dessa premissa, o objetivo geral deste estudo é analisar as representações do envelhecimento feminino na literatura brasileira contemporânea, com ênfase nas narrativas produzidas por mulheres. Para tanto, propõem-se três objetivos específicos: 1) identificar os temas predominantes nas representações do envelhecimento feminino; 2) verificar as características das personagens maduras ou velhas, observando suas representações na literatura e suas dinâmicas de gênero; 3) examinar a relação dessas personagens com o envelhecimento e suas implicações.

A justificativa para este estudo reside nas lacunas sociais, culturais e acadêmicas relacionadas à velhice, especialmente no que se refere aos dilemas femininos. Apesar do envelhecimento populacional e das mudanças nas estruturas sociais, a representação das mulheres idosas permaneceu por muito tempo como um tema tabu e pouco explorado nas produções literárias. Em culturas como a nossa, o valor social e a identidade feminina foram,

historicamente, associados à imagem da mulher jovem e fértil. A mulher idosa, com o seu corpo e aparência alterados pelo tempo, muitas vezes foi marginalizada ou estigmatizada, sendo abandonada ou considerada invisível. Na literatura, isso se reflete na atribuição de papéis secundários, subalternos ou estereotipados às mulheres envelhecidas.¹

No entanto, na literatura produzida no século XXI, é possível constatar alguns avanços e novas abordagens sobre o assunto. Narrativas ficcionais recentes conferem protagonismo às mulheres mais velhas e exploram suas experiências de maneira inovadora, abordando questões como autonomia, desejo e reinvenção pessoal, frequentemente rompendo com estereótipos de fragilidade e resignação. É o que se verifica nos romances **Milamor** (2008) e **Amor em dois tempos** (2014), de Lívia Garcia-Roza, em **Quarenta dias** (2014), de Maria Valéria Rezende, bem como em **Invisíveis olhos violeta** (2022), de Rosângela Vieira Rocha, para citar alguns exemplos.

À vista disso, almeja-se promover uma compreensão mais ampla e crítica das representações do envelhecimento feminino e contribuir para o debate sobre gênero, velhice e identidade. A metodologia adotada é qualitativa, com análise textual de obras literárias selecionadas, protagonizadas por mulheres maduras ou velhas, complementadas por textos teórico-críticos que auxiliam no entendimento do contexto histórico e sociocultural das narrativas. Para tanto, serão utilizadas referências de Simone de Beauvoir (1990/2016) e Judith Butler (2003), entre outras.

2 Pressupostos teóricos

Em seu clássico livro **O Segundo Sexo**, publicado originalmente em 1949, Simone de Beauvoir (2016) dedicou um capítulo à maturidade e à velhice, no qual aborda a condição feminina nesse estágio da vida. Beauvoir argumenta que a velhice das mulheres é caracterizada pela condição de “outro”, isto é, por alguém cuja identidade é socialmente inferior e invisível. A mulher em idade avançada perde a relevância ou o valor social, principalmente porque se convencionou vincular o valor feminino à capacidade de gerar vida e de se manter atraente.

¹ Veja-se, por exemplo, o caso de D. Firmina, personagem do romance **Senhora** (1875), de José de Alencar. Velha e viúva, o papel reservado a ela é o de acompanhante da bela e jovem Aurélia, em torno de quem gira o enredo. Também é exemplar o caso de D. Plácida, do romance **Memórias Póstumas de Brás Cubas** (1881), de Machado de Assis. Impelida a servir de alcoviteira, acobertando o relacionamento adúltero do jovem casal, Brás e Virgínia, a velhice para ela é sinônimo de miséria e degradação.

Surge uma crise, pois, quando se extinguem “[...] o encanto erótico e a fecundidade de que tirava, aos olhos da sociedade e a seus próprios olhos, a justificação de sua existência e suas possibilidades de felicidade [...]” (Beauvoir, 2016, p. 385).

Ao desatender aos papéis tradicionalmente associados ao gênero feminino, que dizem respeito à reprodução, ao cuidado e à educação da prole², as mulheres são menosprezadas, restando à margem da sociedade³. Esse fenômeno não ocorre igualmente com o homem, já que ele é valorizado em outros aspectos, como poder, sabedoria e experiência, o que contribui para a disparidade no modo como ambos os sexos vivenciam o envelhecimento.

Aprofundando as reflexões sobre o tema, em seu livro **A velhice**, Beauvoir (1990) oferece uma crítica contundente à forma como a sociedade ocidental trata o envelhecimento. Com o advento da industrialização, notadamente, o vigor e a agilidade passaram a ser mais valorizados do que a sabedoria e a experiência, em muitos casos os únicos e mais valiosos tesouros daqueles que envelheceram. Para a sociedade, a pessoa velha passou a ser vista como um fardo, alguém “que não pode mais trabalhar e que se tornou uma boca inútil” (Beauvoir, 1990, p. 51). Se tenta acompanhar o passo dos mais jovens, dificilmente obtém sucesso. A este respeito, seguindo o pensamento de Beauvoir, Ecléa Bosi (2009, p. 83) pontua: “Essa adaptação falha com frequência, pois o ancião se vê privado de sua função e deve desempenhar uma nova, ágil demais para o seu passo lento.” De tal modo, à medida que não produz e/ou reproduz, torna-se “um peso para a família e para o Estado” (Debert, 2004, p. 16).

Para as mulheres, devido às normas sociais e às questões culturais vigentes, a experiência de envelhecer é ainda mais desafiadora, pois elas enfrentam muitas vezes uma dupla opressão: a opressão de gênero e a opressão da idade. Uma vez que são continuamente reduzidas a sua aparência física e a sua sexualidade, elementos que tendem a se modificar e a decair com o passar do tempo, o envelhecimento feminino é profundamente marcado pela invisibilidade social. Essa invisibilidade, para Beauvoir, não se limita à dimensão biológica do

² Papéis esses que, salvo exceções, marcaram a trajetória de nossas mães, avós e outras mulheres que atualmente são idosas. Para elas, o destino foi previamente traçado, conforme descreve Beauvoir (2016, p. 45): “A menina será esposa, mãe, avó; tratará da casa, exatamente como fez sua mãe, cuidará dos filhos como foi cuidada”.

³ Na esteira de Beauvoir, Guita Grin Debert (2012, p. 140) afirma: “Sendo a mulher em quase todas as sociedades valorizada exclusivamente por seu papel reprodutivo e pelo cuidado das crianças, desprezo e desdém marcariam sua passagem prematura à velhice”.

envelhecimento, mas é também o reflexo de uma construção social que define o valor da mulher principalmente por sua juventude e atratividade.

Judith Butler, por sua vez, destaca no livro **Problemas de gênero** a performatividade como um processo contínuo de construção social, uma prática repetitiva que não se restringe ao nascimento biológico, mas é constantemente moldada pelas normas culturais e sociais. Segundo Butler (2003, p. 59), “O gênero é a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser”.

A identidade de gênero não é, portanto, inata ou fixa, mas sim um ato que se manifesta em uma série de performances repetitivas. Em outras palavras, a identidade de gênero é construída por meio da repetição de comportamentos, gestos, falas e até posturas corporais. Assim, a percepção que temos do que é “masculino” ou “feminino” não vem de uma essência inalterável, mas sim da repetição de atos e representações que nos são socialmente incutidos. Butler sugere que essa repetição não ocorre de modo livre, mas sim dentro de um contexto normativo — isto é, as sociedades possuem regras e expectativas específicas sobre o que constitui o gênero “masculino” ou “feminino”. Essas regras são internalizadas pelos indivíduos e, com o passar do tempo, parecem criar uma “substância” ou “essência” de gênero. Por estarem arraigadas na sociedade, passam a ser vistas como naturais, indispensáveis e imutáveis, quando na verdade são construções sociais.

No caso das mulheres, mais especificamente, Butler rejeita a ideia de que existiria uma “identidade feminina” natural que as definisse universalmente. Em vez disso, ela propõe que as experiências das mulheres são múltiplas e diversas, sendo atravessadas por variados fatores como classe, raça, sexualidade e outros. De acordo com Butler (2003, p. 20):

Se alguém “é” mulher, isso certamente não é tudo o que esse alguém é; o termo não logra ser exaustivo, não porque os traços pré-definidos de gênero da “pessoa” transcendam a parafernália específica de seu gênero, mas porque o gênero nem sempre se constitui de maneira coerente ou consistente nos diferentes contextos históricos, porque o gênero estabelece interseções com modalidades raciais, classistas, étnicas, sexuais e regionais de identidades discursivamente constituídas.

Embora a filósofa estadunidense não analise diretamente a velhice, é possível estender suas concepções sobre gênero para refletir acerca das mulheres maduras ou velhas. Sua

abordagem ofereceria uma base para entender como a velhice, assim como o gênero, é socialmente construída e normatizada. De igual modo, abriria espaço para avaliar como essas construções se entrelaçam com questões de poder, identidade e subordinação.

Ao aplicar essa perspectiva, é possível afirmar que a velhice não se vincula apenas a um aspecto biológico, mas sim a um campo em que se disputam significados, representações e papéis. É inegável que os corpos envelhecidos são tratados de maneira diferenciada e, frequentemente, estigmatizada. No entanto, considerar a velhice também como uma construção performativa nos faz lembrar que as identidades e experiências de envelhecimento são moldadas por narrativas e expectativas sociais. Estas, vale referir, demandam repetição e adesão a determinados papéis comumente atribuídos a quem envelhece. Não é por acaso que a velhice é continuamente associada à incapacidade, à dependência ou à inutilidade, ideias que têm sido reiteradamente repetidas e que, conseqüentemente, influenciam nas representações culturais de como as pessoas velhas devem agir ou serem tratadas.

Diante disso, a velhice pode ser vista como uma “performance”, uma encenação a ser executada de maneira a se alinhar com as diretrizes e expectativas da coletividade. Quanto às mulheres, a sociedade espera que, ao envelhecer, passem despercebidas ou se afastem, dando lugar às jovens, quase sempre idealizadas como símbolos de beleza e desejo. “Como dizia Carmen da Silva, acham que velhas devem tricotar, fazer crochê, bordar e, principalmente, cuidar dos netos para que os jovens possam se divertir (Figueiredo, 2020, p. 251).

Essa “performance”, contudo, pode variar. Assim como Butler argumenta que a identidade de gênero é contingente, fluida e não essencial, podemos conceber a identidade das mulheres mais velhas como algo moldado por um processo contínuo de negociações sociais. A velhice, como o gênero, não é, portanto, uma “essência” fixa, mas sim uma etapa que é experimentada de maneiras múltiplas, dependendo do contexto social, histórico e cultural. A visão que as mulheres maduras ou velhas têm de si mesmas, a maneira como são vistas pelos outros e a sua interação com a sociedade depende de uma série de fatores que estão sempre em mudança. Essa mudança, conforme se verá, estende-se às produções ficcionais, afetando o modo como as mulheres são representadas, em consonância com as transformações sociais e culturais ocorridas ao longo do tempo.

3 A velhice feminina na literatura brasileira contemporânea: da invisibilidade ao protagonismo

Historicamente, a literatura brasileira não atribui à velhice ou às pessoas velhas o mesmo destaque conferido a outros temas e personagens⁴. Além disso, por muito tempo, nos textos que mencionavam o envelhecimento feminino, prevalecia uma perspectiva conservadora, atrelada a estereótipos construídos socialmente e reforçados pela literatura. As representações das mulheres velhas eram, não raro, relacionadas a estigmas de declínio, fragilidade e/ou desvalorização, como se pode observar, por exemplo, nos contos “A morte da velha”, “As três irmãs”, e “O véu”, publicados em *Ânsia eterna* (1903), da autora Julia Lopes de Almeida (2020).⁵ Nos dois primeiros, sobressaem o declínio das personagens e o desprezo ou descaso de seus familiares. No último, o destaque fica por conta da paixão de um estudante por uma mulher misteriosa, sempre coberta por um véu. Quando, finalmente, ele pode ver o rosto da amada, é visível a sua decepção: “Ai de mim! Por que tirara ela o longo véu piedoso?! Era velha, a baronesa, velha e feia; mas bem velha e bem feia!” (Almeida, 2020, p. 157).

Mesmo em meados do século XX, quando as produções literárias brasileiras tiveram o cuidado de representar diferentes aspectos do universo feminino, a abordagem da velhice seguiu exibindo uma série de aspectos negativos. O envelhecimento feminino continuou sendo visto, em grande parte, como sinônimo de invisibilidade, resignação e finitude.

Há que se ressaltar, no entanto, a importância de autoras como Clarice Lispector e Lygia Fagundes Telles, entre outras, que não só deram protagonismo às mulheres velhas em suas obras, quebrando o ciclo de apagamento, mas também expuseram o descaso e o preconceito social a elas direcionados. Ao trazerem à tona os conflitos e as complexidades do envelhecimento feminino, essas escritoras contribuíram para uma representação mais variada e crítica da velhice, desafiando as limitações impostas pela sociedade e pela literatura.

⁴ Nesse sentido, são relevantes os estudos conduzidos por Regina Dalcastagnè (2021, p. 125). Em um levantamento sobre as personagens dos romances brasileiros publicados entre 1990 e 2014, sua pesquisa apurou que apenas 11,5% das personagens então representadas são homens velhos. Esse índice é ainda menor no que tange a personagens femininas velhas, cuja representação é de apenas 10,3%.

⁵ Vale observar, igualmente, os contos “O segredo de Augusta” e “Uma senhora”, de Machado de Assis (1994), publicados em *Contos fluminenses* (1870) e *Histórias sem data* (1884), respectivamente. Em ambos, há mulheres que ainda não são propriamente velhas, mas maduras. É visível, contudo, que o envelhecimento afeta negativamente a vaidade delas, que relutam em aceitar a perda da juventude.

Veja-se, à guisa de exemplo, o conto intitulado “Mas vai chover”, que Clarice Lispector (1998) publicou no livro **A via crucis do corpo** (1974). Nele, a protagonista Maria Angélica, uma viúva de sessenta anos em busca de companhia, se torna amante de Alexandre, um jovem de dezenove anos que, segundo a narração, a tolera com aversão, movido apenas por interesse financeiro. Quando os recursos dela se esgotam e não é mais possível atender às exigências cada vez mais elevadas do rapaz, ele reage com cólera e repulsa.

Depois de proferir uma série de insultos e humilhações contra a mulher, o amante a abandona, sem piedade. Nesse caso, verifica-se as dificuldades de uma mulher madura ou velha para encontrar e, sobretudo, manter um parceiro. Mesmo que seus desejos permaneçam intensos, o corpo envelhecido deixa de ser desejável. A esse respeito, refere Beauvoir (1990, p. 152): “Já que o destino da mulher é ser, aos olhos do homem, um objeto erótico, ao tornar-se velha e feia ela perde o lugar que lhe é destinado na sociedade: torna-se um *monstrum* que suscita repulsa e até mesmo medo”.

O desfecho do relacionamento entre Maria Angélica e Alexandre pode ser entendido como um reflexo cultural de desvalorização do corpo envelhecido. Como não correspondia à “performatividade” desejada, o único prazer proporcionado ao rapaz era de natureza utilitarista, financeira. Sem isso, a mulher se torna uma figura descartável.

Já o conto “Boa noite, Maria”, de Lygia Fagundes Telles (2018), publicado no livro **A noite escura e mais eu** (1995), apresenta uma mulher de sessenta e cinco anos, Maria Leonor, elegante e muito rica, que encontra no aeroporto um homem mais jovem, Julius, que aparenta não mais do que cinquenta anos. Após ele ajudá-la com as malas, a mulher retribui convidando-o para dividir o táxi e, na sequência, estende o convite para hospedá-lo em seu triplex.

Nesse caso, a mulher não procura um amante – já tivera alguns e, com o passar do tempo, cansara-se de ter que ocultar as marcas da velhice para agradá-los. O que ela quer, de fato, é um amigo. Ao longo do conto, destaca-se o temor da protagonista com a inevitável degeneração do corpo e o sofrimento que uma possível doença poderia ocasionar. Ela deseja, assim, mais do que satisfazê-la enquanto vive, que esse amigo a ajude a morrer bem. O final do conto, que é dúbio, sugere a eutanásia como forma de encerrar a vida de forma digna, antes de a personagem ser acometida por efeitos da velhice que ela considera humilhantes. Não resta claro, contudo, se seu plano se concretiza ou se é apenas devaneio.

De qualquer modo, pode-se cogitar que a ideia de antecipar a morte ou definir como esta ocorreria, seria uma tentativa de retomar o controle sobre a sua existência, que foi condicionada à aparência física. Ao mesmo tempo, Maria Leonor estaria buscando uma forma de evitar o sofrimento da invisibilidade ou da aversão ao seu corpo envelhecido.

O conto revela, entre outros aspectos, a pressão para que o corpo feminino mantenha certos padrões e, ao mesmo tempo, a exaustão que esse processo acarreta. Nesse, como no conto de Lispector, se considerarmos a perspectiva de Butler, é possível inferir que o corpo da mulher é “performato” de maneira a se adequar a uma ideia de juventude e vitalidade. Quando essa performance falha, a mulher se vê marginalizada, como refere Beauvoir. Em quaisquer dos casos, são faces cruéis da velhice feminina e da vulnerabilidade que essa fase pode acarretar.

Apesar disso, com o avanço das discussões de gênero e a crescente visibilidade de novos movimentos sociais e culturais, nas últimas décadas testemunhamos uma reestruturação dessas imagens. As produções contemporâneas, especialmente as escritas por mulheres, deram lugar a representações mais complexas e multifacetadas de mulheres maduras ou velhas.

4 O protagonismo da velhice feminina na literatura brasileira contemporânea

Nas últimas décadas, a literatura brasileira tem apresentado uma nova abordagem para a velhice feminina. Obras como **Milamor** (2008) e **Amor em dois tempos** (2014), de Livia Garcia-Roza, **Quarenta dias** (2014), de Maria Valéria Rezende, ou **Invisíveis olhos violeta** (2022), de Rosângela Vieira Rocha, retratam a velhice de uma maneira mais rica e diversificada, dando voz e autonomia às mulheres envelhecidas. Em seus textos, as personagens não são mais meros símbolos de decadência, mas sim sujeitos ativos, com anseios, conflitos e metas.

Ao longo de suas narrativas, essas autoras exploram a velhice como um momento de reconfiguração da identidade. O envelhecimento não é mais retratado apenas como um tempo de perdas (embora elas existam), mas também como uma oportunidade de reafirmação pessoal e de reconstrução de sentido. Por meio de suas personagens, elas têm buscado desconstruir os estereótipos de fragilidade e dependência associados à velhice feminina.

Além disso, as protagonistas de seus romances agem de modo a manter o seu lugar no mundo, rompendo com a invisibilização e a marginalização referidas por Beauvoir. Da mesma

forma, se analisadas pelas lentes de Butler, pode-se ver que essas personagens mais velhas são performáticas, não apenas existindo, mas escolhendo como existir e se posicionar na sociedade.

4.1 O amor e o desejo em *Milamor* e *Amor em dois tempos*, de Livia Garcia-Roza

Tanto em *Milamor* (2008) quanto em *Amor em dois tempos* (2014), Livia Garcia-Roza debruça-se sobre um tema comumente negligenciado na literatura brasileira, sobretudo no que tange às mulheres: o amor e o desejo na maturidade. No primeiro romance, a protagonista Maria está em vias de completar sessenta anos. No segundo, a personagem principal é Vivian, com aproximadamente setenta anos. Em ambos, a autora dá voz a mulheres que, apesar das dificuldades e dos preconceitos em torno da velhice, não renunciam aos seus desejos.

Nos dois romances, a viuvez emerge como um catalisador em sua jornada de (re)descoberta pessoal. Com o fim do vínculo e da dedicação aos seus cônjuges, as protagonistas podem priorizar a própria satisfação. Nesse novo contexto, elas se deparam com uma parte esquecida de si mesmas, com sentimentos que, até então, estavam entorpecidos. Dispostas a vivenciar novas experiências amorosas e sexuais, essas mulheres tornam a sonhar e se abrem para a possibilidade de outros relacionamentos. Ao mesmo tempo em que se ressentem com a solidão e esforçam-se para manter os laços com seus filhos e amigas⁶, elas tentam estabelecer um espaço individual isento de interferências, voltado para relações mais íntimas. Esta, porém, é uma tarefa que se mostra complexa, haja vista a constante vigilância e crítica das pessoas ao seu redor.

Em *Milamor*, as restrições e recriminações são exercidas quase sempre pela filha caçula, Maria Inês. Tão logo o segundo marido de Maria faleceu, a moça a levou para viver sob seu teto e supervisão: “Não tive opção. Com a súbita morte de Haroldo, e aproveitando-se da confusão do momento, Maria Inês me trouxe para a casa dela, que fica no alto de uma ladeira, no último prédio de uma rua de paralelepípedos, de difícil acesso.” (Garcia-Roza, 2008, p. 7). Desde então, sob o pretexto de poupá-la de desgastes, a filha assumiu as rédeas da sua vida e dos seus recursos, relegando-a ao isolamento do ambiente doméstico. A moça não cogita nem

⁶ A propósito, em ambos os romances Livia Garcia-Roza apresenta as amigas como uma importante referência para as mulheres que envelhecem e que, muitas vezes, não encontram no ambiente familiar a mesma escuta e compreensão de suas contemporâneas. Mesmo quando divergem, seu apoio e seu afeto são relevantes.

mesmo a hipótese de a mãe viúva buscar um novo relacionamento. Quando seu namorado casualmente pergunta a respeito, é com aversão que reage à ideia:

— Com a idade em que está? — disse ela. — Tive uma tia que se casou com a idade de sua mãe. [...] — Mas é uma gagá *light*, essa sua tia, *baby*... Por que está tão quieta, mãe? — Pensando no que estão dizendo. — Mas nem passa pela sua cabeça fazer uma coisa dessas, né? — Qual? — Da tia aí do João. — Pensar, pensa-se em tudo, Maria Inês. (Garcia-Roza, 2008, p. 77, grifos da autora)

Em consonância com uma considerável parcela da sociedade, Maria Inês exibe uma visão intolerante e limitada acerca da velhice. Para ela, a procura por um novo parceiro após certa idade não deveria sequer ser considerada, pois se trata de um comportamento destoante, de gente “gagá”, como se refere à tia do namorado⁷. O que ela não desconfia é que, ao tempo dessa conversa, a mãe já havia se encantado por um “jovem senhor” que encontrou por acaso em uma festa de família: “bastou um olhar de relance para o tal senhor, para que eu fosse arremetida à região dos sonhos” (Garcia-Roza, 2008, p. 11).

Determinada a buscar a própria realização, Maria não se deixa intimidar. Mesmo tendo de enfrentar preconceitos, além das próprias dúvidas e dificuldades, ela tece planos de conquista. É ciente, porém, da pressão estética sobre as mulheres e, temendo desapontar o amado, recorre a “consultas e mais consultas” (Garcia-Roza, 2008, p. 54), lançando meio de toda a sorte de procedimentos para assegurar uma aparência agradável.

Apesar de o romance colocar em xeque a visão restritiva que, ainda hoje, trata a mulher velha como uma pessoa sem aspirações e sem lugar, a narrativa evidencia o quão desafiador pode ser romper esse paradigma e, também, o quanto o envelhecimento do corpo pode causar desconforto e insegurança. Neste sentido, conforme Pierre Bourdieu (2002, p. 81), “o mal-estar, a timidez ou a vergonha são tanto mais fortes quanto maior a desproporção entre o corpo socialmente exigido e a relação prática com o próprio corpo e as reações dos outros”.

Maria, no entanto, ao romper com o marasmo e a prostração que envolviam seu cotidiano de viúva, redescobriu-se arrebatada pelo que a vida ainda podia ofertar. Assim,

⁷ Sobre esse tabu, Beauvoir (1990, p. 10) já mencionara que “[...] se os velhos manifestam os mesmos desejos, os mesmos sentimentos, as mesmas reivindicações que os jovens, eles escandalizam; neles, o amor, o ciúme parecem odiosos ou ridículos, a sexualidade repugnante, a violência irrisória.”

mesmo diante da incerteza sobre ser ou não correspondida em seus afetos, ela se lança às possibilidades, desfrutando do percurso. Sua grande conquista é vivenciar expectativas e emoções que, recuperadas, conferiram novo ânimo aos seus dias.

Em **Amor em dois tempos**, por sua vez, o controle e a apreensão sobre a protagonista não partem do filho, Carlos Ozório, que mora longe, mas sim da amiga, Hilda, que julga ser “um despautério” (Garcia-Roza, 2014, p. 42) uma mulher de setenta anos apaixonar-se. Apesar do julgamento, Vivian, recém-viúva, volta a sonhar quando reencontra em Salvador um amigo de infância, Laurinho. Seu primeiro amor, “sessenta anos depois, regressava com a força dos começos numa junção inacreditável de tempos, como se não tivesse havido separação. Nós dois de novo. Velhos, vivos” (Garcia-Roza, 2014, p. 95). O reencontro oferece novas esperanças à vida da personagem, uma mulher solitária mesmo nos tempos de casada, já que o falecido marido fora um homem silencioso e distante.

Antes de entregar-se à paixão, porém, é necessário concluir a missão que a levava à capital baiana. Ela precisa realizar a cerimônia de adeus ao marido, que pedira para que as cinzas dele fossem deixadas em sua cidade natal. Além do mais, ao contrário dela, viúva e livre, Laurinho é casado: “Como podia passar pela cabeça dele, ou de alguém, separar-se às vésperas de fazer bodas de ouro? [...] Talvez fosse melhor nos afastarmos. Minha presença podia estar concorrendo para que ele pensasse em separação” (Garcia-Roza, 2014, p. 96).

Somado a isso, Vivian ainda se depara com preocupações que, não raro, acometem pessoas de idade avançada: “Será que eu iria conseguir me movimentar com relativa desenvoltura? E se minha coluna emperrasse? [...] E o coração dele suportaria o esforço?” (Garcia-Roza, 2014, p. 163). Entregar-se ao novo relacionamento e atender aos seus desejos depende, pois, de contornar uma série de desafios. Não por acaso, há momentos em que Vivian se deixa levar pelos estigmas que ainda recaem sobre a velhice e repete para si mesma o discurso negativo que comumente associa essa fase da vida apenas à deterioração do corpo. Antecipando um rol de perdas no futuro, ela pensa em abdicar do relacionamento:

[...] não desejo que assistamos à nossa decadência mútua, tendo nos conhecido em pleno esplendor. Ele tem mais de setenta anos e eu estou quase chegando lá; daqui em diante só teremos perdas. Não gostaria que acompanhássemos a decrepitude um do outro. Os escombros. E é o que temos pela frente. (Garcia-Roza, 2014, p. 74)

No entanto, os desejos redescobertos e a insistência do pretendente são mais fortes. Apesar das dúvidas e interferências externas, a protagonista não recua, disposta a aceitar o que Laurinho oferece. O final do romance, longe de encerrar um ciclo, indica novos caminhos e oportunidades para a personagem que, a despeito das dificuldades e inseguranças, continua avançando rumo à satisfação pessoal.

4.2 Velhice e resistência em Quarenta dias, de Maria Valéria Rezende

Em **Quarenta dias**, Alice, a protagonista, revela ter deixado a contragosto sua moradia na Paraíba, para atender a um pedido da filha. Professora universitária e casada com um gaúcho, a moça aproveitara as férias na casa da mãe para anunciar que, finalmente, ela seria avó. Apesar de ainda não estar grávida, Norinha deseja que sua “Mãinha” se mude o mais breve possível para Porto Alegre, fornecendo suporte nos cuidados com o planejado bebê.

Nessa narrativa, ao contrário do senso comum, a aposentadoria da protagonista não sinalizava um fim, mas um recomeço. A partir de então, ela poderia, finalmente, priorizar-se e desfrutar dos amigos, da vista para o mar e, da mesma forma, colocar em prática os planos que, por anos, teve de adiar. A filha, por seu turno, a enxergava como alguém sem nada mais a realizar e, portanto, disponível para servir aos seus intentos. Alice, que não é ingênua, percebe a maneira como a moça, mesmo que de maneira velada, a trata: “Em resumo, o certo pra ela era que eu, afinal, já tinha chegado ao fim da minha vida própria, agora o que me restava era reduzir-me a avó” (Rezende, 2014, p. 26).

Visando atender aos próprios interesses e aos planos que estabeleceu com o marido, Norinha constrange a mãe a abandonar seu lar, amizades e projetos, para “ser avó profissional [...] no Sul” (Rezende, 2014, p. 31). A princípio, apesar de se alegrar com a perspectiva de ter uma criança na família, Alice reage mal à ideia de mudança⁸, considerando desnecessária e contrária a sua vontade e planejamento. Entretanto, após intensa pressão de amigos e familiares, sua resistência se esvai: “Eu cedi, vergonhosamente. Foi isso. O resto é consequência” (Rezende, 2014, p. 34). Tão logo ela deu mostras de ceder, a prima Eliete, “certamente

⁸ Sobre a resistência das pessoas velhas em se mudarem, Ecléa Bosi (2009, p. 436) refere que “[...] mudar é perder uma parte de si mesmo; é deixar para trás lembranças que precisam desse ambiente para reviver.” Quando forçadas a deixarem o lugar e os objetos que sustentam a sua história, é comum que se sintam desestabilizadas.

teleguiada por Norinha” (Rezende, 2014, p. 37), começou a vasculhar o apartamento, colocando à venda o que poderia render algum dinheiro e desfazendo-se dos objetos que, na opinião dela, não tinham mais valor ou serventia.

A vida e os pertences de Alice rapidamente ganharam novos rumos, atendendo unicamente às vontades e decisões de sua filha: “Enquanto ali se desmontavam minha cabeça, minha casa, minha vida, cá no Sul Norinha montava, *à maneira dela, ao gosto dela*, o que eu havia de ter e ser no futuro próximo” (Rezende, 2014, p. 37, grifos meus). Tudo para descobrir, pouco depois de chegar em Porto Alegre, que Norinha adiara os planos de ser mãe. Contrariando o combinado, ela e o marido partiriam em breve para a Europa por conta do pós-doutorado dele e de uma bolsa de pesquisa que a moça obtivera.

A revolta diante dos fatos levará Alice a isolar-se no apartamento *clean* preparado pela filha e ignorar qualquer contato. Passados alguns dias, ela será tomada por um ímpeto maior de “rebeldia”, decidindo-se por deixar o local e perambular pelas ruas da capital gaúcha. Vale mencionar que, para além do ressentimento com Norinha, essa peregrinação também é movida pela solidariedade com outra mãe, uma conhecida sua, da Paraíba, que procurava pelo filho, Cícero Araújo. Ele viera trabalhar na capital gaúcha e morava na vila Maria Degolada, mas há tempos não dava notícias à família. Com essas frágeis pistas, Alice segue pelas ruas, buscando informações e, ao mesmo tempo, reassumindo o controle da própria vida.

Independentemente das suas motivações, colocar-se em marcha é um movimento importante para deixar, mesmo que temporariamente, de remoer as dores do passado ou os malfeitos da filha no presente. A este respeito, Ecléa Bosi (2009, p. 63), afirma que “o homem ativo (independentemente de sua idade) se ocupa menos em lembrar, exerce menos frequentemente a atividade da memória, ao passo que o homem já afastado dos afazeres mais prementes do cotidiano se dá mais habitualmente à refacção do seu passado.” No caso de Alice, enquanto segue pelas desconhecidas ruas da capital, ela cria outras memórias, conhece novas pessoas e realidades que, de algum modo, ajudam-na a revisar sua existência.

Conforme as buscas por Cícero Araújo restam infrutíferas, ela se afasta mais e mais, rumo à periferia da cidade, em uma jornada que durará quarenta dias, registrados posteriormente em um velho caderno da Barbie, um dos poucos objetos da Paraíba que teimara em trazer na bagagem. As páginas amareladas do caderno servirão como espaço de

desabafo, simulando uma conversa com a “amiga” Barbie, o que lhe permitirá livrar-se do peso que, até então, carregara na alma. Nesse simulacro de diário, ela relata não só as andanças por Porto Alegre, mas também fatos distantes, concernentes ao seu passado e às feridas que se acumularam com o passar dos anos.

Ao final, apesar da solidão e das decepções, o saldo parece positivo. As novas experiências, como sua escrita revela, permitiram que ela reavaliasse a própria vida e, da mesma forma, que considerasse novas perspectivas. Não por acaso, quando a narrativa se aproxima do fim, desponta em seu discurso uma abertura para mudanças. Antes estranha ao cenário porto-alegrense, Alice começa a se integrar, aceitando a nova morada e até mesmo se apropriando do linguajar local: “Chega, Barbie, agora eu paro mesmo, que já está clareando o dia. Agradeço a paciência, *guria*, a solidariedade silenciosa, mas agora vou te trancar numa gaveta, *tu* não leva a mal, tá?, não digo que seja pra sempre, quem sabe ainda reabro estas páginas, passo tudo a limpo” (Rezende, 2014, p. 245, grifos meus). Terminado o desabafo, aplacada a mágoa que por dias a envolvera e desgastara, a protagonista não apenas recuperou a autonomia, mas também parece pronta para percorrer novos caminhos.

4.3 Dos amores (nada) fáceis em Invisíveis olhos violeta, de Rosângela Vieira Rocha

Em *Invisíveis olhos violeta*, Cibele, uma advogada aposentada de quase setenta anos, mãe, avó e divorciada, é a protagonista do romance. Depois de sofrer uma espécie de luto, ao ser “trocada” pelo marido por uma mulher mais jovem, ela tenta se refazer e encontrar um novo amor. Alinhada com a nova era e com as tecnologias disponíveis, sua busca passa por um site de relacionamentos voltado para a terceira idade. No entanto, isso não torna mais fácil a sua “missão”. Além dos evidentes preconceitos, ela tem de lidar com a instabilidade e a imaturidade dos “pretendentes” que conhece. Em meio a desafios e desencontros, também atormenta a própria insegurança:

Não contou a ninguém sobre a sua decisão para não ouvir comentários e principalmente por sentir vergonha de ter feito inscrição num aplicativo desse tipo. Passou meses pensando se seria uma espécie de rendição ao sistema, uma desmedida colher de chá ao mercado amoroso. [...] Por noites e noites removeu as mesmas questões: uma mulher da sua idade pode dar-se a esse desfrute? Seria ridículo pensar em namoro nessa fase da vida? Já teria passado o momento de abdicar das ideias românticas? Não seria presunção

achar que ainda pode encontrar alguém que se interesse por ela de verdade?
(Rocha, 2022, p. 13-14)

A narração oscila entre o presente e as lembranças de um passado em que a protagonista era admirada, especialmente pelos belos olhos cor de violeta que, com o passar do tempo, parecem ter perdido seu poder de atração e encantamento. Mais uma vez, deparamo-nos com uma mulher que sente na pele o desajuste entre seus desejos e a (des)valorização social de quem envelhece.

Independentemente do quanto tenham conquistado e o quão bem-sucedidas sejam, a invisibilidade é uma queixa frequente entre boa parte das mulheres envelhecidas. Neste aspecto, Mirian Goldenberg (2022, p. 65) destaca que “[...] em uma cultura em que o corpo é um capital, o envelhecimento pode ser experimentado como um momento de grandes perdas, especialmente de capital sexual.” À medida que o corpo envelhecido deixa de ser notado ou apreciado, seu valor é reduzido. Para as mulheres, muitas vezes, essa desvalorização é causa de sofrimento e sensação de fracasso, mesmo quando suas trajetórias são plenas de êxito.

No caso de Cibele, a insegurança também é fomentada, como nos demais romances analisados, pelas opiniões preconceituosas de pessoas próximas. É o que se observa, por exemplo, em uma conversa na casa do filho, Ernesto, enquanto assistiam ao noticiário. Após o depoimento de uma das vítimas de um preparador físico, preso por fingir-se apaixonado e aplicar golpes em mulheres, o rapaz tece uma série de comentários pejorativos:

Essas idosas são muito tolas, disse Ernesto. Como é possível, mamãe? Uma velha achar que um rapaz jovem e charmoso desse jeito pode realmente gostar dela? Ainda bem que você não é assim, acrescentou. Selma e eu conversamos várias vezes sobre isso. Nós nos preocupamos com você, mamãe, ainda mais morando sozinha naquela casa enorme. Devia vender aquele elefante branco e comprar um apartamento por aqui, perto de nós. Ficaria mais fácil para todos. Do jeito que Mirena é apegada à avó, seria muito bom. (Rocha, 2022, p. 15)

Nota-se que, além de rejeitar a possibilidade de mulheres mais velhas serem amadas e desejadas, ele reforça a ideia bastante propagada pelo senso comum de que, após certa idade, elas necessitam de supervisão. Embora possa parecer mera preocupação de um filho amoroso, a proposta para que a mãe se desfaça da própria casa e se mude para perto dele mal encobre

uma tentativa de controle e redução de papéis, comum na ficção como na realidade. Não por acaso, algumas mulheres insistem em morar sozinhas, mesmo com a oferta para se juntarem aos filhos ou outros parentes. É uma tentativa de manterem-se livres e independentes, conservando a sua autonomia. A este respeito, Britto da Motta (2011, p. 19) afirma:

Uma das razões fortes para o desejo de morar só, das mulheres idosas com os filhos criados, refere-se à comum e pressionante tentativa de interferência, ou até ingerência, dos membros mais novos da família sobre a vida – atividades, saídas, uso do dinheiro, até vida sexual-afetiva – dos seus idosos, principalmente das mulheres.

Para Cibeles, entre outras razões, manter a casa significava, além da liberdade, um esforço para guardar uma parte importante de si mesma, erguida em meio a sacrifícios e sonhos que, por algum tempo, compartilhara com o ex-marido. Tudo o que envolvia a sua morada, cada objeto, árvore ou flor do seu jardim, fora cuidadosamente escolhido e continha uma história, uma lembrança que desejava conservar enquanto sua existência permitisse.

Apesar da incompreensão ou da intolerância alheia, a personagem tenta manter a sua essência que, como admite, é romântica. Essa, a propósito, é a razão por que continua buscando um novo amor, apesar dos encontros frustrados, dos homens decepcionantes que conheceu e da atual tendência de manter-se apenas “contatinhos”, conforme sua amiga, Luzia, lhe advertira. As relações efêmeras não atraem Cibeles, que espera por algo mais.

Eu me apaixono, sabe? Talvez com facilidade demais, depressa demais, mas sou feita dessa matéria inflamada. Sim, me apaixono e ponto. Se dá trabalho, se dói desapaixonar? Demais. Curar-se dói. É morrer e renascer. [...] Mas já fiz isso várias vezes e continuarei a fazer, é essa a minha trilha. Sou forte o suficiente para dar conta. (Rocha, 2022, p. 94)

Contrariando a ideia de debilidade e resignação a que ainda se costuma associar a figura da mulher envelhecida, a protagonista mostra-se firme e resoluta. As quedas ao longo do percurso, ainda que dolorosas, não a paralisam. Talvez indiquem, contudo, que em uma próxima oportunidade ela deva escolher “[...] outro caminho – bem mais longo, mas infinitamente mais bonito [...]” (Rocha, 2022, p. 133).

5 Considerações finais

A análise das representações do envelhecimento feminino na literatura brasileira contemporânea, a partir do *corpus* escolhido, trouxe à tona alguns aspectos significativos. Primeiramente, o estudo logrou identificar que, nas narrativas produzidas por mulheres, os principais temas relacionados ao envelhecimento feminino incluem a invisibilidade social, a crise de identidade, a solidão e/ou a ressignificação da sexualidade. Essas questões demonstram como as mulheres envelhecidas são frequentemente marginalizadas em um contexto cultural que valoriza a juventude, mas também apontam para uma resistência e redefinição de seus papéis e expectativas, especialmente no que diz respeito à autonomia.

Em segundo lugar, ao verificar as características das personagens maduras ou velhas, constatou-se que elas são representadas de maneira multifacetada, muitas vezes subvertendo estereótipos tradicionais, o que reflete a evolução da percepção da velhice nas produções literárias recentes. As dinâmicas de gênero observadas nas representações das personagens revelam um processo de desconstrução dos papéis tradicionalmente atribuídos às mulheres mais velhas. Ao contrário das figuras passivas e invisíveis que a sociedade costuma associar à velhice feminina, as narrativas contemporâneas apresentam mulheres que, muitas vezes, se mostram resistentes e atuantes. De diferentes formas, elas buscam (re)tomar as rédeas da própria vida e (re)descobrir o sentido de sua existência.

Por fim, ao examinar a relação das personagens com o envelhecimento e suas implicações, os textos evidenciaram questões de identidade, resistência e transformação, desafiando visões simplistas da velhice e propondo novas formas de compreender o envelhecer feminino. Diferentemente de produções anteriores, a literatura mais recente coloca em cena mulheres que quebram estigmas relacionados à idade e desafiam as convenções sociais, seja em sua sexualidade, no exercício de sua liberdade ou na construção de novos espaços de poder.

Se antes a presença das mulheres velhas era rara, e geralmente em condições secundárias, subalternas ou estereotipadas, atualmente se nota uma evolução. Embora ainda não tenham o mesmo destaque das personagens mais jovens, nas narrativas ficcionais produzidas mais recentemente é possível encontrar mulheres maduras ou velhas como figuras centrais, protagonistas das histórias.

Do mesmo modo, apesar de persistirem os sofrimentos denunciados tanto por Clarice Lispector quanto por Lygia Fagundes Telles em razão do envelhecimento, há um maior enfrentamento por parte das personagens. As mulheres mais velhas seguem, ainda, vivenciando a solidão, a degradação e tentativas de controle, como também continuam sendo invisibilizadas ou desprezadas, dificultando, entre outras coisas, a busca e a manutenção de um parceiro amoroso e/ou sexual. No entanto, as perspectivas e discussões avançaram e, atualmente, essas mulheres não terminam suas histórias prostradas ou resignadas.

As narrativas analisadas desempenham um papel relevante, rompendo com o silêncio que ainda paira sobre o envelhecer, ao mesmo tempo que oferecem aos leitores uma reflexão significativa e necessária. Elas sugerem modelos alternativos à imagem que, por muito tempo, se manteve acerca da velhice, quase sempre vinculada ao esgotamento e à finitude. Apesar de as mulheres, inevitavelmente, sofrerem mudanças e até mesmo limitações à medida que envelhecem, ainda há oportunidades para novas experiências, descobertas e realizações.

Em sintonia com os novos tempos e meios disponíveis para vivenciar a maturidade, as autoras trazem à tona personagens que, apesar do preconceito e das imposições de uma sociedade ainda bastante excludente, se dispõem a enfrentar os papéis tradicionalmente atribuídos a elas. Mesmo diante de frustrações e inseguranças pessoais, essas mulheres rompem com as expectativas que lhe são impostas e, cada uma a seu modo, buscam se afirmar e manter seu espaço e autonomia. O que a ficção propõe, em última instância, é uma visão heterogênea e, sobretudo, mais inclusiva da velhice feminina. A leitura de obras que abordam o tema, embora não tenha o poder de erradicar as dificuldades e os estigmas ainda existentes, ao menos pode colaborar para enriquecer o debate, desenvolvendo maior empatia e uma compreensão cada vez mais ampla.

Referências

ALENCAR, José de. **Senhora**. São Paulo: Ática, 1999.

ALMEIDA, Júlia Lopes de. **Ânsia eterna**. 2. ed. rev. Brasília: Senado Federal, 2020.

ASSIS, Machado de. **Obra completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

BEAUVOIR, Simone. **A velhice**. Trad. Maria Helena Franco Monteiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**: a experiência vivida, volume 2. Trad. Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: Lembrança dos velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Trad. Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BRITTO DA MOTTA, Alda. As velhas também. **Ex aequo**, Vila Franca de Xira, n. 23, p. 13-21, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/pdf/aeq/n23/n23a03.pdf>. Acesso em: 27 jan. 2025.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

DEBERT, Guita Grin. **A reinvenção da velhice**: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/Fapesp, 2004.

FIGUEIREDO, Eurídice. **Por uma crítica feminista**. Porto Alegre, RS: Zouk, 2020.

GARCIA-ROZA, Lúvia. **Amor em dois tempos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

GARCIA-ROZA, Lúvia. **Milamor**. Rio de Janeiro: Record, 2008.

GOLDENBERG, Mirian. **A invenção de uma bela velhice**. Rio de Janeiro: Record, 2022.

LISPECTOR, Clarice. **A legião estrangeira**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

LISPECTOR, Clarice. **A via crucis do corpo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LISPECTOR, Clarice. **Felicidade clandestina**: contos. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

REZENDE, Maria Valéria. **Quarenta dias**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2014.

ROCHA, Rosângela Vieira. **Invisíveis olhos violeta**. Rio de Janeiro: Ventania Editorial, 2022.

TELLES, Lygia Fagundes. **Os contos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

Recebido em: 14.09.2024

Aprovado em: 29.04.2025